

A CONSTITUIÇÃO DO SELF E A FRAGMENTAÇÃO DA MORAL NA MODERNIDADE: UMA INTERFACE ENTRE TAYLOR E MACINTYRE

THE CONSTITUTION OF THE SELF AND THE FRAGMENTATION OF MORAL IN MODERNITY: AN INTERFACE BETWEEN TAYLOR AND MACINTYRE

ALÉSIO DA ROSA**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, BRASIL

Resumo: Pretende-se, nesse artigo, refletir sobre a fragmentação da Moral na contemporaneidade a partir da obra de Charles Taylor, denominada *As Fontes do Self*. A partir da obra *After Virtue*, procura também presentificar as ideias de Alasdair MacIntyre, autor que destaca a situação atual da moralidade. Para Taylor, a sociedade contemporânea sofre de um agudo mal-estar que tem suas raízes no individualismo, manifestando-se numa perda de sentido da vida e na fragmentação da moral. Para MacIntyre, a moral, desde a modernidade, está em profunda desordem, pois se possuem apenas fragmentos de um esquema conceitual que, juntos, não formam mais um todo coerente. Mediante as diferentes visões dos dois filósofos, o estudo pretende localizar as bases comuns em seus argumentos bem como certos distanciamentos em se tratando da estreita ligação entre *Self* e Moral. Suas pesquisas estão fundamentadas em autores clássicos, como Platão e Aristóteles, cujas influências ultrapassaram o horizonte histórico de suas épocas e se fazem perceber na contemporaneidade.

Palavras-chave: *Self*. Ética das virtudes. Moralidade. Dependência. Contemporaneidade.

Abstract: It is intended that article to reflect on the Moral fragmentation in the contemporaneity based on the work by Charles Taylor, *Sources of the Self*. From the work *After Virtue*, it also seeks to present the ideas of Alasdair MacIntyre, an author that points out the current situation of the morality. For Taylor, the today's society suffers from a sharp

* Artigo recebido em 29/02/2016 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 10/11/2016.

** Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1933602251725617> . E-mail: alesiosc@hotmail.com.

uneasiness rooted in individualism, expressing in the loss of the meaning of life and in fragmentation of the moral. For MacIntyre, since modernity moral is in a serious disorder, for one has only fragments of a conceptual scheme that, together, do not form a coherent whole. By different visions of these two philosophers, this study intends to locate the common ground in their arguments as well as some distances regarding the close connection between Self and Moral. Their researches are grounded in classic authors such as Plato and Aristotle, whose influences transcend the historical horizon of their time and are perceived in the contemporaneity.

Keywords: Self. Virtue ethics. Morality. Dependence. Contemporaneity.

1. Introdução

O objetivo principal desse artigo visa refletir sobre a fragmentação da Moral na contemporaneidade, a partir da obra de Charles Taylor¹ intitulada *As Fontes do Self: A construção da Identidade Moderna*. Ao mesmo tempo também, trazem-se as ideias de Alasdair MacIntyre² sobre o atual momento da moralidade. Buscou-se um apoio na obra de Alasdair MacIntyre para o estudo da fragmentação da Moral devido a dois fatores: primeiro porque, acredita-se, que ele tem contribuído decisivamente para o estudo desse tema a partir da publicação de *After Virtue*. Além disso, esse pensador constitui referência fundamental na pesquisa de doutorado atualmente sendo realizada pelo autor deste texto.

Mediante as diferentes visões dos autores, pretende-se localizar bases comuns em seus argumentos, bem como possíveis distanciamentos em se tratando da estreita ligação entre *Self* e Moral.

Para Taylor, a sociedade contemporânea sofre de um agudo mal-estar que tem suas raízes no individualismo, no primado da razão instrumental e num certo despotismo no qual as instituições e as estruturas da sociedade pós-industrial restringem as escolhas. Esse mal-

¹ Autor contemporâneo, nascido no ano de 1931 em Montreal. Leciona Filosofia e Ciência Política na Universidade de McGill, na cidade de Montreal.

² Nasceu em 1929 na cidade de Glasgow, Escócia. Fez seus estudos iniciais na Universidade de Londres, e seu doutorado na Universidade de Manchester. Desde 1957 leciona em universidades inglesas e norte-americanas.

estar manifesta-se numa perda de sentido da vida, na fragmentação da moral, obscurecendo os horizontes morais do ser humano na contemporaneidade.

Para MacIntyre, a moral, desde a modernidade, está em desacordo. A linguagem da moralidade contemporânea está em profunda desordem, pois não se possui mais que meros fragmentos de um esquema conceitual que, juntos, não formam mais um todo coerente.

Nesse horizonte de mudanças e instabilidades, os dois autores investigam o que causou esse mal-estar e desordem na moralidade. Para tanto, suas pesquisas estão fundamentadas em autores clássicos, cujas influências ultrapassaram o horizonte histórico de suas épocas e se fazem perceber na contemporaneidade.

Taylor (2013) destaca a figura de Platão que, no capítulo intitulado “O Autodomínio de Platão”, apresenta a visão platônica sobre as fontes morais. Segundo o filósofo grego, para se ter acesso a um plano moral mais elevado, deve-se deixar conduzir pela razão. Para Platão, o domínio da razão é condição fundamental para uma vida boa no mundo. Segundo Taylor (2013, p. 155), “Somos bons quando a razão nos governa, e maus quando dominados por nossos desejos”.

Também, é possível localizar a herança aristotélica de MacIntyre em sua interpretação da ética das virtudes. Para o autor moderno, os fundamentos da lei e das virtudes devem ser buscados nas tradições e relações intersubjetivas que constituem uma determinada comunidade. O vínculo central é uma visão dos bens comuns partilhados pelos membros de determinada tradição numa comunidade. Esta é a forma de restituir a inteligibilidade e a racionalidade no empenho moral e social das sociedades contemporâneas.

Apesar das diferentes abordagens dos autores mencionados, torna-se perceptível, de outro modo, que eles apresentam uma mesma preocupação com a dimensão comunitária – vale dizer, intersubjetiva – da questão da ética na sociedade contemporânea.

Assim, este artigo desenvolver-se-á, primeiramente, com base na obra *As fontes do Self*, de Taylor, com destaque para Platão e Locke. Em seguida, será estudado MacIntyre, tendo por base a ética das virtudes em Aristóteles, iniciando com Platão e sua influência na constituição do Self moderno, segundo a perspectiva de Taylor na obra *As Fontes do Self*.

2. Platão e o lugar das fontes morais

Platão apresenta a ideia de que as fontes morais não estão localizadas internamente, mas ao contrário, são externas ao indivíduo e podem ser percebidas no ordenamento do cosmos. Trata-se da noção de uma ordem racional no cosmos que os seres humanos podem tomar como modelo. (TAYLOR, 2013). Segundo o autor canadense, a influência de Platão ultrapassa vários horizontes históricos, marcando profundamente a concepção moral ocidental para além de seu tempo.

Para ele, Platão é o precursor de uma ética da razão ou pensamento que supera a ética fundamentada na glória, característica das sociedades heroicas do período helênico e das pós-Cruzadas. Para Platão, o homem deve ser senhor de si mesmo, pois o autodomínio leva-o à serenidade. Ser racional é ter a capacidade de desapegar-se do mundo, das paixões, dos desejos. Para Taylor (2013, p. 155), “Dominar a si mesmo é fazer a parte superior da alma controlar a inferior, ou seja, fazer a razão controlar os desejos”.

Platão traz à tona uma concepção da mente como espaço unitário. Conforme Taylor (2013, p. 160), “Platão, pelo fato de privilegiar um estado de consciência autoinduzida e designá-lo como estado de unidade máxima consigo mesmo, requer uma concepção da mente como espaço unitário”.

A influência exercida pelo filósofo grego às gerações que o sucederam permitiu com que a ideia de interioridade ultrapassasse os limites dos horizontes históricos para se fazer presente em nossos dias. Percebe-se, assim, um processo de unificação e internalização do homem que prefigura a ideia moderna de interioridade. Portanto, segundo Platão, uma alma bem ordenada será governada pela razão, entendida como estado de ordem. Para o pensador grego, na visão de Taylor (2013, p. 163), “não há como alguém ser governado pela razão e estar enganado ou errado a respeito da ordem da realidade”. O governo da razão nos conduz a uma visão correta das coisas. A razão alcança, por meio da ordem, a visão do bem. Por isso, conclui Taylor (2013, p. 157), “ser racional é ser senhor de si mesmo”.

Para Taylor (2013), a imagem que Platão usa para expressar essa ideia de bem é a do sol que ilumina e dá uma visão clara das coisas, muito bem retratada na alegoria da caverna. Na narração do mito da caverna, Platão leva seus leitores a compreender a chave para a busca da alma pela luminosidade do bem, da razão e da ordem. Segundo Taylor (2013, p. 156), “a visão de Platão nos apresenta o domínio do *Self* por meio da razão e produz estes três frutos: unidade consigo mesmo, calma e posse serena de si próprio”.

Platão marca profundamente a moral ocidental. Sua ideia de razão como autodomínio para a superação dos desejos permanece presente até hoje na sociedade ocidental, tendo sido dominante no mundo antigo. Platão deixou sua herança como uma visão das fontes morais vinculadas com o domínio da razão, que orienta o indivíduo para o bem, para a virtude. Por isso, afirma Taylor (2013, p. 164):

A visão do bem está no próprio cerne da doutrina das fontes morais de Platão. O bem do todo, cuja ordem manifesta-se na Ideia do Bem, é o bem definitivo, aquele que engloba todos os bens parciais. Não só os inclui, como também lhe confere dignidade maior, pois o Bem que desperta nosso amor e dedicação incondicionais.

A busca do primado da razão para o governo da vida ultrapassou os horizontes do mundo antigo, chegando a influenciar, de modo significativo, a cultura moderna ocidental. O ideal moderno de desprendimento pode ser considerado como fruto da influência da filosofia platônica. Segundo esse ideal, deve-se voltar em direção à própria interioridade para se ser consciente de atividade individual e dos processos que formam cada um dos sujeitos: “Pede-me que esteja ciente de minha atividade de pensar os meus processos de hábito, para me desprender deles e objetificá-los” (TAYLOR, 2013, p. 228). A partir daí, deve-se assumir a responsabilidade de construir a própria representação pessoal de mundo, ou seja, assumir a direção e a responsabilidade na formação de caráter e das escolhas pessoais.

Para atingir esse ideal, é preciso uma postura reflexiva mediante uma decisão que “requer que deixemos de viver simplesmente no corpo ou de acordo com nossas tradições ou hábitos e, ao torná-los objetos para nós, submetamo-los a rigoroso exame e reforma” (TAYLOR, 2013, p. 228). É mediante o abandono da ideia de viver apenas no corpo e no

desapego das tradições que se poder empreender uma busca inevitável da linguagem reflexiva. Nesse sentido, afirma Taylor (2013, p. 229),

Voltar-se para si mesmo é agora voltar-se também e inevitavelmente para si na perspectiva de primeira pessoa – voltar-se para o self na forma de um self. É isso o que quero dizer com reflexão radical. Pois estamos tão impregnados dela que não podemos evitar a busca da linguagem reflexiva.

3. Decifrando o *Self* pontual

Um dos grandes saltos para o desenvolvimento da reflexão na era moderna aconteceu, segundo Taylor (2013), com o ideal cartesiano de desprendimento. É o ideal de um indivíduo capaz de modelar-se por meio de uma ação metódica e disciplinada. Na avaliação de Taylor (2013, p. 10), “Quase se pode dizer que se tornou uma forma de construirmos a nós mesmos, da qual achamos difícil descartar-nos”.

A crítica desenvolvida pelo pensador canadense tem como alvo o indivíduo neutro e pontual que ganha cidadania na modernidade: o *Self* pontual. Por *Self* pontual, Taylor entende o indivíduo totalmente desprendido e guiado pela razão instrumental. Esse desprendimento completo deve-se à filosofia de Locke.

Segundo Taylor (2013, p. 215), Locke “rejeita toda e qualquer forma de doutrina das ideias inatas”. Ele elabora alicerces sólidos a partir de regras de concatenação confiáveis, remodelando a visão de mundo, tirando das paixões, dos costumes ou mesmo das autoridades constituídas o controle sobre os próprios pensamentos e opiniões.

O controle seria feito pelo indivíduo independente e responsável que constrói, autonomamente, uma descrição das coisas de acordo com os cânones do pensamento racional. Toda essa articulação de Locke é muito importante para o surgimento do novo paradigma epistemológico. Para Taylor (2013, p. 226), “não apenas a epistemologia de Locke, mas seu desprendimento e reificação radicais da psicologia tiveram uma enorme influência no iluminismo”.

Essa postura desprendida e disciplinadora exerceu enorme influência em toda a cultura ocidental. Se, por um lado, libertou o indivíduo de antigas amarras, por outro trouxe também consequências negativas.

Ainda de acordo com Taylor (2013, p. 215), “a opção por uma epistemologia que privilegia o desprendimento e o controle não pode ser considerada correta”. E o motivo da crítica deve-se pela adoção de pressupostos presentes no paradigma mecanicista. Nesse paradigma, que tem como fundamento o modelo – homem/universo/máquina –, Taylor percebe a inviabilidade de se reconstruir uma visão teleológica do ser humano, pois tal “sistema apresenta uma perspectiva profundamente antiteleológica da natureza humana, tanto em conhecimento como em moralidade” (TAYLOR, 2013, p. 216).

Ora, ao propor o desprendimento das experiências humanas da base cultural em que os indivíduos concretos as vivenciam, acaba-se por tornar a mente inteiramente objetivada. Essa objetivação radical conduz a uma subjetivação igualmente radical. A contradição acontece porque o *Self* pontual não consegue perceber que sua reflexão depende das diversas fontes de linguagens que estão fora dele e que ressoam na interioridade humana. A identidade pessoal é construída a partir de uma rede de interlocutores.

Nesse ambiente de rede em interlocução, aprende-se a ser humano com os outros humanos no mundo. A partir das fontes morais herdadas, é-se capaz de articular respostas às questões acerca do valor da vida, do respeito a culturas anteriores, e da necessidade de pensar uma vida vivida em constante reconstrução.

Para Taylor (2013, p. 24),

Seria suficiente, e muito valioso, poder mostrar algo acerca dos compromissos indefinidos, hesitantes e difusos em que nós, modernos, nos baseamos de fato. O mapa de nosso mundo moral, por mais cheio de lacunas, rasuras e borrões, é por demais interessante.

Portanto, o indivíduo entendido isoladamente como um *Self* desprendido, isolado das manifestações de sua existência, é propriamente uma abstração. O ser humano está numa complexa rede de relações com os outros, com a natureza e a cultura. E a vida ética só se

realiza concretamente pela mediação das situações particulares que caracterizam o estar no mundo e sua participação na história dos indivíduos.

Até o momento, à luz dos estudos de Taylor, pode-se perceber que um de seus méritos é o de propor um caminho de interpretação de si mesmo e do espaço moral ao longo da história. Isso porque, segundo ele, “adotar esta nova postura define uma nova compreensão da atividade humana e de seus poderes característicos” (TAYLOR, 2013, p. 231). Agora surgem novas concepções do bem e novas localizações de fontes morais: “um ideal de autorresponsabilidade, com as novas definições de liberdade e razão que o acompanham e o senso de dignidade a ele ligado” (TAYLOR, 2013, p. 231).

4. A ética das virtudes em MacIntyre

Após a postura de Taylor (2013), traz-se à reflexão a contribuição de Alasdair MacIntyre, para, sob outra ótica, percorrer-se o desenrolar da reflexão moral ao longo da história. Ao final, será possível perceber os pontos que aproximam os dois autores, bem como as particularidades de cada um, frente a esse mesmo tema: as fontes morais.

Para MacIntyre (2001) os problemas para a justificação moral da ética se encontram historicamente localizados a partir da ruptura da estrutura fundamental religiosa que assegurava a justificação racional da vida ética ao final da Idade Média. Com o advento da modernidade, o modelo medieval estava superado. Essa ruptura fez com que a religião não fosse mais a referência para as ações humanas, cabendo à filosofia ser a protagonista de tal modelo, em profundas transformações.

O projeto filosófico iluminista, advindo da modernidade, procurava oferecer uma justificativa racional para a moralidade, fundamentado sobre três eixos principais: o primeiro de caráter moral, o segundo filosófico e, finalmente, o de fundamento sociopolítico.

Segundo MacIntyre (2001), na ânsia de procurar fundamentar uma racionalidade para as ações humanas, os iluministas se descuidaram da fundamentação de uma moralidade que levasse em conta as condições sócio-históricas frente à instabilidade do momento pelo

qual estava passando a humanidade. Essa lacuna herdada dos modernistas tem seus reflexos na sociedade contemporânea, conforme relata Lins (2008, p. 37),

A moralidade hoje está sufocada por uma ausência de paradigmas externos ao estado emocional das pessoas, em que o próprio estado emocional do sujeito o impede de pensar de forma isenta sobre as questões de moral e assim conduzir seu comportamento coerente com valores e princípios objetivamente formulados.

O projeto iluminista não conseguiu solidificar as bases da moralidade, refletindo um sujeito contemporâneo com liberdade cerceada, sem autoridade no seu agir, sem critérios e regras racionalmente aceitas que corroborassem as suas ações. A moralidade atual representa apenas um simulacro do que deveria ser a moralidade, uma coleção de fragmentos de moralidades passadas que já não formam um conjunto coerente. Como não possui mais uma concepção unificadora, a moralidade tornou-se totalmente fragmentada.

MacIntyre (2001, p. 13) conclui então que “temos, na verdade, simulacros da moralidade, continuamos a usar muitas das expressões principais. Mas perdemos – em grande parte, se não totalmente – nossa compreensão, tanto teórica quanto prática, da moralidade”.

Diante da situação difícil em que se encontra a moralidade, na visão macintyriana, urge buscar uma solução para esse problema. O filósofo escocês defende, por isso, a necessidade de uma refundação da ética das virtudes, uma volta às teses de Aristóteles e Tomás de Aquino, em que os conceitos de tradição, prática e narrativa da vida humana são essenciais para a compreensão do caráter humano. Somente voltando às fontes clássicas, a sociedade contemporânea terá ferramentas suficientes para superar o fracasso iluminista na fundamentação da moralidade.

5. A vida humana, uma unidade narrativa

A partir da afirmação – “o homem é um contador de histórias” –, entende-se ser plausível compreender a vida humana como uma unidade narrativa encarnada em uma vida singular. Os indivíduos são autores e atores de uma narração em que se imbricam outras

narrações que constituem a vida de outras pessoas. Cada um vai desenvolvendo, ao longo da vida, a sua própria narrativa, ao mesmo tempo em que é parte integrante, ainda que não protagonista, de outras narrativas.

Segundo MacIntyre (2001), é na imprevisibilidade da vida de cada indivíduo que cada pessoa se torna um contador de histórias que aspira à verdade de sua própria vida. A narrativa de uma vida humana faz parte de um conjunto interconectado de narrativas de outras vidas com as quais cada indivíduo se relaciona.

Do entrelaçamento das relações humanas expressas por meio das narrativas históricas acontece a unidade da vida humana, seja para o indivíduo, seja para a sua comunidade. Para encontrar essa unidade, há de se ter a necessidade de *busca*. Para tanto, refazendo uma leitura da época medieval, MacIntyre afirma que havia uma característica que impregnava toda a busca, seja para aprimorar um conceito, seja para orientar uma vida, ou o desejo de obter uma vida melhor para o ser humano. Essa busca era perpassada por um *fim*, ou seja, um *telos*.

MacIntyre (2001) mostra que, quando se busca uma vida melhor, ordenam-se também outros bens, pois uma busca nunca acontece como um dado pronto, e sim como algo a ser atingido, encontrado. Segundo ele,

É no decorrer desta busca, e somente ao se deparar e superar os diversos males, perigos, tentações e tensões que proporcionam à jornada de busca seus episódios e incidentes, que finalmente se pode compreender a meta da busca. A busca é sempre uma educação quanto ao caráter do que se procura e de autoconhecimento e um crescente conhecimento de bem (MACINTYRE, 2001, p. 368).

De acordo com o filósofo escocês, uma tentativa de solução para a crise da moralidade na sociedade atual é um retorno ao modelo da ética aristotélica das virtudes. O modelo ético aristotélico, entendido como uma tradição de pesquisa racional, assumirá a qualidade de um paradigma de racionalidade para enfrentar os problemas éticos e políticos herdados da modernidade.

6. Um retorno à ética aristotélica das virtudes

Para MacIntyre (2001), somente o restabelecimento do paradigma da tradição das virtudes pode devolver a qualidade racional ao agir e pensar moral, paradigma compreendido dentro de uma tradição das práticas e da narrativa da vida de uma pessoa, num contexto social e histórico que são inteligíveis para os seus membros. E isso tem a ver com o fato de que tanto a busca pelo bem como o exercício das virtudes não podem ser alcançados individualmente, o que suporia que não estivéssemos ligados a nenhuma comunidade que tenha influenciado historicamente na definição de nossa identidade. De acordo com Carvalho (1999, p. 120),

Vimos que MacIntyre concebe a filosofia moral como um enclave entre filosofia, a sociologia e a história, quer dizer, que não se pode pensar o agente moral e sua identidade fora dos âmbitos sociais e da história narrada da qual ele faz parte.

O conceito de virtude estará perpassado, pois, por essa tríplice influência, das áreas da filosofia, história e sociologia, e o papel e função do agente moral será definido a partir desses diferentes saberes. Para MacIntyre (2001), isso significa afirmar que a constituição da identidade, a constituição do eu individual, não está separada do status social e histórico que este vivencia, porque a história da sua vida está inserida na história daquelas comunidades das quais ele vai constituindo a sua identidade. De acordo com MacIntyre (2001, p. 371), “Eu nasci com um passado; tentar separar-me desse passado, nos moldes individuais, é deformar minhas relações atuais. A posse de uma identidade histórica e a posse de uma identidade social coincidem”.

Assim, a constituição moral de cada indivíduo acontece social e historicamente. O seu eu faz parte de uma história, que, reconhecendo ou não, gostando ou não, é um dos sustentáculos de uma tradição, entendida como uma discussão histórica e socialmente encarnada acerca dos bens que constituem a tradição, cuja busca lhes dá sentido e propósito.³

³ CARVALHO, 1999a, p. 122.

Após ter procurado fundamentar historicamente como MacIntyre percebe o esfacelamento da moralidade ao longo da história, é possível verificar como o filósofo escocês propõe a viabilidade da ética das virtudes como uma solução plausível para o individualismo contemporâneo.

Segundo MacIntyre (2001), as virtudes se apresentam como um caminho de crescimento para o ser humano, viabilizando a passagem deste, de um estado de dependência e vulnerabilidade para um estado de responsabilidade. Essa passagem acontece de forma lenta nos próprios processos naturais da vida humana na relação com os outros, seja na família, escola e sociedade.

Sob a ótica do argumento macintyriano, percebe-se que a vivência das virtudes conduz a uma educação que considera o reconhecimento da dependência como fator importante para o desenvolvimento da consciência moral do indivíduo. O conhecimento de si mesmo, bem como o conhecimento da realidade na qual o ser humano está inserido, acontece por meio da rede de relações e situações com os diferentes membros da sociedade. De acordo com MacIntyre (1999, p. 98),

O conhecimento que temos de nós mesmos depende também de quanto aprendemos com os outros a propósito de nós mesmos, e mais ainda da confirmação da parte dos outros que nos conhecem bem dos juízos que formulamos sobre nós mesmos, uma confirmação que apenas os outros podem nos dar.

Diante disso, fica evidente que o ser humano tem a necessidade dos outros, no sentido de discutir com os demais a compreensão de sua própria situação particular. Cabe ao indivíduo a tarefa de ser um agente prático para compreender a responsabilidade de colaboração na realização das relações que dão à vida um sentido, e assim lançar-se em busca das virtudes necessárias para tal empreendimento.

7. MacIntyre e Taylor: uma possível interface

Mostra-se importante e desafiador realizar um estudo sobre as fontes do *Self* em Charles Taylor e sobre a ética comunitarista de MacIntyre, diante do debate ético-político contemporâneo, pautado nas discussões sobre a natureza da relação entre indivíduo e sociedade. Trata-se de uma rica oportunidade para dialogar com as diferentes concepções filosóficas no campo ético das sociedades contemporâneas, marcadamente pluralistas e multiculturais.

MacIntyre (2001) percebeu a importância de estabelecer as bases de seu projeto na interdependência da vida em comunidade, sendo nesse ambiente de trocas, de tradição, de interdependência, onde se pode compreender melhor o papel das virtudes no contexto contemporâneo.

Para o filósofo escocês, o ser humano é parte integrante de um contexto social, onde realiza diversos tipos de ações que estão interligadas entre si e que trazem resultados tanto para o sujeito que as exerce como para toda a comunidade na qual vive.

Já para Taylor (2013), é preciso buscar as fontes do *Selfe*, principalmente, entender as tendências e limitações humanas frente a esse horizonte plural e multifacetado da perspectiva da descoberta das fontes morais. Essa busca deve ter algo de libertador, bem como de cuidado. Conforme Taylor (2013, p. 444),

A libertação não é no sentido de uma remodelação maravilhosa, mas de uma volta ao jardim de casa, uma aceitação agradecida de um espaço limitado, com suas próprias irregularidades e imperfeições, mas dentro do qual algo pode florescer. A inspiração moral não vem da perspectiva de transformação, mas da duramente conquistada capacidade de cuidar desse espaço limitado.

Percebe-se que a ideia da fragilidade e o reconhecimento da mútua dependência tem-se tornado um importante ponto de partida para a discussão das virtudes e da visão do ser humano enquanto um agente prático. Nessa perspectiva, entende-se que o ser humano constitui-se para além de sua individualidade, numa dimensão de interdependência e reciprocidade. Cada indivíduo desenvolve a sua formação moral de acordo com as virtudes valorizadas individualmente e conforme o seu entorno, na sua comunidade, grupo e tradição.

Taylor (2013) enriquece a discussão com a reflexão de que o ser humano está numa complexa rede de relações com os outros, com a natureza e com a cultura. E a vida ética só se realiza concretamente pela mediação das situações particulares que circunscrevem o estar no mundo e sua participação na história dos indivíduos.

O que permanece em aberto, apesar das luzes que as contribuições de Taylor e MacIntyre possam ter trazido, constitui um grande desafio para as sociedades contemporâneas pluralistas e multiculturais atuais. É preciso desenvolver comunidades éticas nas quais os cidadãos, por meio de debates racionais, com base em suas tradições, discutam o reconhecimento da pluralidade de opiniões com todas as suas consequências práticas, culturais, políticas e teóricas. É possível a manutenção de um ambiente de reciprocidade entre as diferentes tradições?

Sabe-se que, para MacIntyre (2001), o primeiro passo a ser dado seria o do reconhecimento da dependência de uns para com os outros. O reconhecimento da interdependência é a chave para a independência. Nessa perspectiva é que as relações sociais de reciprocidade, pautadas nas relações de dar e receber, aprimoradas por meio das virtudes desenvolvidas pelo modelo aristotélico-tomista ao longo da história da humanidade, são alternativas possíveis de resistência frente ao individualismo e ao consumismo, tão presentes nas sociedades contemporâneas.

Mas, em vez de um pessimismo, como parece por vezes transparecer na visão de MacIntyre, Taylor (2013, p. 451) desperta a atenção para um lado mais positivo: “Na medida em que pudermos ver a história humana com otimismo, ela deverá ser uma história de progresso, de sucessivas libertações da razão, que levem a sucessivas descobertas da verdade e, assim, a superações dos erros”.

8. Conclusão

O objetivo principal de Taylor (2013) ao estudar as fontes de nosso *self*, segundo certa percepção, está intimamente ligado com uma forte preocupação com a fragmentação dos valores que leva à desvalorização da vida em todos os sentidos, individual, comunitário,

do jovem ao idoso. O seu estudo ao longo da história tentando localizar as fontes do *Self* o fez percorrer – e perceber – as contradições do ser humano na busca de definição de sua identidade moral.

Para MacIntyre (2001), a superação do individualismo contemporâneo pode, de fato, acontecer quando se perceber que não se é independente, mas interdependente. Por isso, a urgente discussão sobre como desenvolver comunidades éticas nas quais os cidadãos, por meio dos debates racionais, com base em suas tradições, discutam o reconhecimento da pluralidade de opiniões com todas as suas consequências práticas, culturais, políticas e teóricas. É possível a manutenção de um ambiente de reciprocidade frente às diferentes tradições, raças e culturas? O drama dos refugiados na Europa não é uma ótima oportunidade para se iniciar uma nova postura ética e moral frente ao outro, o diferente que chega ao meu continente, ao meu país?

Segundo MacIntyre (1991), o que torna os seres humanos mais racionais é a possibilidade de perceber que sem o outro, que é diferente de mim, eu não sobrevivo. Como ser humano, desde a infância até o alvorecer da nossa vida é-se dependente dos outros. Num primeiro momento, isso se manifesta no ambiente familiar e, ao longo da vida, na comunidade, na nação e, por extensão, no mundo. Trata-se das relações de reciprocidade. As relações de reciprocidade, segundo MacIntyre (1991), são importantes para compreender a dependência mútua e o lugar das virtudes na vida (RIBEIRO, 2012).

As virtudes são importantes para que, nos embates da vida, na dialética dos direitos e deveres, na luta pelo poder, nas desigualdades sociais, é preciso aprender a conviver com o diferente. Por isso, MacIntyre (1999, p. 98) afirma a importância do hábito das virtudes: “Sem as virtudes não conseguimos proteger adequadamente a nós mesmos e aos outros da negligência, das simpatias danosas, da estupidez, da avidez e da malícia”.

Essa nova postura em relação ao outro, o diferente de mim, faz perceber a necessidade da mudança de um paradigma moral e ético. Por isso, a relevância desse estudo, bem como a sua continuidade, frente aos desafios que as sociedades enfrentam hoje.

Taylor (2013) escreve que as diversas correntes filosóficas estudadas ao longo da história sofreram também o impacto da fragmentação na contemporaneidade. Por isso, a

urgente tarefa de se buscar uma nova perspectiva que sustente os bens de vida que envolvam o bem-estar individual e a vida em comunidade, sempre em interlocução com o outro, com a cultura, com a história. Ou seja, um novo paradigma que ultrapasse o individualismo radical, que em última análise, conduz o indivíduo à perda de identidade, à indiferença, à banalização da vida. O desenvolvimento dessa nova concepção moderna de identidade possibilitará um maior comprometimento com o outro, mas também servirá de base para um resgate de um novo espírito que permita avançar como humanidade para além da estreiteza sectarista que vigora em boa parte da sociedade contemporânea.

Segundo Taylor (2013, p. 642), a nova visão das fontes morais remete para uma rearticulação das fontes de poder, como que enterradas e que necessitam de um novo ar, um novo espírito, que passem da asfixia estática para a sabedoria prudente do movimento.

Uma visão do Self definida pelas capacidades da razão desprendida e também da imaginação criativa, com as compreensões caracteristicamente modernas de liberdade, dignidade e direitos, com os ideais de auto realização e expressão e com as exigências de benevolência e justiça universais.

Enfim, essa temática não se esgota mediante os argumentos aqui apreciados. Todavia, levantaram-se algumas hipóteses por meio das teses da ética das virtudes de MacIntyre, em perspectiva com aspectos apresentados por Taylor na obra *Fontes do Self*. Sem almejar definir certezas e verdades, parece justificável apresentar a ética das virtudes, de MacIntyre, e as fontes do *Self*, de Taylor, como uma importante ferramenta para se compreender um pouco melhor os dilemas das muitas faces da Ética e da Moral nas sociedades contemporâneas.

Referências

- BORRADORI, G. **A filosofia americana**. São Paulo: Unesp, 2003.
- CARVALHO, H. B. A. Comunidade Moral e Política na ética das virtudes de Alasdair MacIntyre. **Ética**, Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 17- 30, Ago. 2007.
- CARVALHO, H. B. A. A contemporaneidade de Aristóteles na Filosofia moral de Alasdair MacIntyre. **Síntese**, 2001, p. 37-66.
- CARVALHO, H. B. A. **Tradição e Racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre**. São Paulo: Unimarco, 1999a.
- CARVALHO, H. B. A. **Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtue**, London, 1999b.
- DE ARAUJO, P.R. M. **Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento**. São Paulo, 2004.
- MACINTYRE, A. **Depois da virtude: Um estudo em teoria moral**. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001.
- MACINTYRE, A. **Justiça de quem? Qual Racionalidade?** Trad. Marcelo Pimenta Marques. São Paulo: 4. ed. Loyola, 1991.
- LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. **Educação Moral na Perspectiva de Alasdair MacIntyre**. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007.
- RIBEIRO, E. R. **Reconhecimento ético e virtudes**. São Paulo: Loyola, 2012.
- TAYLOR, C. *Sources of the Self: the Making of the Modern Identity*. Harvard University Press, Cambridge, 1989, tradução brasileira: **As Fontes do Self: A construção da Identidade Moderna**. Trad. SOBRAL, A.U., AZEVEDO, D. A. Loyola, São Paulo, 2013.
- TAYLOR, C. *The Ethic of Authenticity*, Harvard University Press, Cambridge, 2010, tradução brasileira: **A Ética da Autenticidade**. Trad. Talita Carvalho. São Paulo, Realizações Editora, 2011.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



ROSA, Aléssio da. A CONSTITUIÇÃO DO SELF E A FRAGMENTAÇÃO DA MORAL NA MODERNIDADE: UMA INTERFACE ENTRE TAYLOR E MACINTYRE. *Synesis*, v. 8, n. 2, dez. 2016. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=966>. Acesso em: 27 Dez. 2016.
